



Mais e melhor emprego: Padrões de crescimento do emprego na Europa

Resumo

Introdução

No período 1995-2006, assistiu-se a uma importante viragem nas tendências de emprego em quase toda a Europa. Depois das taxas de crescimento do emprego muito baixas registadas na década de 1980 e no início da década de 1990, a percentagem da população em idade activa em actividade na UE 15 aumentou de 60% para 66%, com o emprego total a aumentar em mais de 22 milhões de postos de trabalho (em 2006, o emprego total na UE 15 atingiu 170 milhões de postos de trabalho). Não há dúvida de que, em termos quantitativos, este foi um período muito positivo para o emprego europeu. Mas que podemos dizer em relação à qualidade dos empregos criados entre 1995 e 2006? Eram, predominantemente, bons ou maus empregos? Foi este notável processo de criação de empregos levado a cabo em detrimento da qualidade de emprego? Ou, nesse período, a Europa não só criou mais empregos como também criou melhores empregos?

Até agora, esta pergunta, que reflecte o principal objectivo da Estratégia Europeia para o Emprego (“mais e melhores empregos”), apenas obteve uma resposta parcial devido à falta de dados adequados a nível europeu. O estudo, baseado em informações provenientes da base de dados do projecto “empregos europeus”, tem por objectivo fornecer, no mínimo, uma resposta aproximada a esta pergunta crucial, procurando avaliar a qualidade dos empregos criados no recente processo de expansão do emprego nos diferentes países europeus e avançando algumas hipóteses descritivas relativamente aos processos subjacentes a estas tendências.

A presente brochura apresenta uma panorâmica dos principais resultados da investigação sobre o crescimento do emprego ao longo de um período de dez anos, que constitui a primeira parte do relatório de 2008 do Observatório Europeu da Reestruturação (ERM). A segunda parte do relatório do ERM completa esta perspectiva de uma década, incidindo nos padrões de reestruturação na UE e na Noruega em 2007 e na importância da criação e perda de empregos consequente.

Contexto político

As fracas taxas de crescimento do emprego registadas na maior parte dos países europeus na década de 1980 e no

início da década de 1990 levaram a União Europeia e outras organizações internacionais, como a OCDE, a concentrarem a sua atenção na necessidade de aumentar a intensidade de emprego do crescimento económico da UE. Quando foi formalmente lançada no Conselho Europeu do Luxemburgo de 1997, a estratégia europeia para o emprego reflectia esta focalização quase exclusiva na criação de empregos e a pouca atenção prestada à qualidade desses empregos. No entanto, à medida que começaram a ser criados postos de trabalho, no final da década de 1990, consensualmente, a Europa adoptou uma posição mais equilibrada em relação ao crescimento do emprego. Depois do Conselho de Lisboa de 2000, a Estratégia Europeia para o Emprego passou a valorizar da mesma forma os elementos quantitativos e qualitativos da criação de empregos. Em 2002, o Conselho de Barcelona adoptou a frase “mais e melhores empregos” como lema da Estratégia Europeia para o Emprego.

Principais conclusões

A abordagem adoptada neste estudo baseia-se num método proposto pelo economista Joseph E. Stiglitz e subsequentemente aperfeiçoado e aprofundado pelos sociólogos Erik Olin Wright e Rachel O. Dwyer. O método consiste em analisar pormenorizadamente a evolução do emprego em cada país para combinações específicas de profissões e sectores (designados “empregos”), classificadas de acordo com o respectivo salário horário médio (que é utilizado como variável representativa para a qualidade de emprego). O crescimento global do emprego em cada país é dividido por cinco “quintis de qualidade de emprego” (correspondente a cinco grupos de empregos, da mesma dimensão, do mais baixo ao mais alto salário horário médio), que permitem identificar os tipos de emprego que cresceram mais ou menos. Estes padrões de crescimento de emprego por qualidade de emprego são ainda diferenciados por sector económico, situação de emprego, género e nacionalidade, no intuito de avançar algumas hipóteses de explicação e de identificar padrões específicos para subgrupos da população.

A conclusão geral deste estudo é positiva e compatível com os principais objectivos da estratégia europeia para o emprego. De um modo geral, a maior parte dos Estados-Membros da UE criou *mais e melhores empregos* na década que se seguiu a 1995 (sobretudo na zona da UE 15). Mas este cenário geral oculta, naturalmente, muitas histórias diferentes, e nem todas muito positivas:

- A Irlanda, a Dinamarca, a Finlândia, o Luxemburgo e a Suécia são os países que obtiveram os melhores resultados em termos de quantidade e de qualidade de emprego. Estes países conseguiram criar numerosos postos de trabalho, na sua maior parte de qualidade superior à média. Em Portugal, a criação de empregos foi menos dinâmica, mas, não obstante, este país conseguiu melhorar a sua estrutura de emprego (melhorando a) quase tanto quanto os restantes países deste grupo.
- A Espanha e a Grécia conheceram um importante crescimento do emprego, mas este aumento foi menos significativo em termos de qualidade, tendo-se concentrado mais no meio do que no topo na estrutura de emprego. A Itália registou um processo idêntico, embora o número de postos de trabalho criados tenha sido menos significativo.
- Nos Países Baixos, em França e em Chipre, o padrão de crescimento do padrão foi claramente polarizado, com uma intensa criação de postos de trabalho no topo e na base da estrutura e um grande fosso no meio. A Alemanha, a Bélgica, a Áustria e o Reino Unido apresentaram igualmente um padrão polarizado, embora com uma maior concentração no topo da estrutura de emprego.
- Por último, os padrões de criação de postos de trabalho na maior parte dos novos Estados Membros são muito difíceis de classificar. Na década de 1990, as estruturas económicas destes países sofreram uma profunda reestruturação, e o breve período coberto pelo presente estudo (na maior parte dos casos, de cerca de 2000 a 2006) apenas abrangeu a última fase destas profundas mudanças. De um modo geral, a melhoria da estrutura do emprego nos novos Estados-Membros não foi tão evidente como na UE 15, embora também não se tenha observado qualquer agravamento.

Estes padrões gerais de crescimento do emprego na Europa, de acordo com a qualidade do emprego, são resultado de múltiplos factores económicos e institucionais. Discriminando estes padrões por sector económico, explorámos alguns destes factores. Mas o que é mais importante, desta forma identificámos igualmente a origem da grande expansão de “bons empregos” na UE 15: com efeito, a maior parte destes empregos situava-se em zonas de serviços com uma importante componente cognitiva, na sua maior parte serviços às empresas, serviços de saúde e educação. Os serviços criaram muitos postos de trabalho na base da estrutura de emprego, mas muito poucos no meio: a evolução da criação de postos de trabalho no meio da estrutura foi explicada, em grande medida, pelo comportamento do sector da construção. A criação de postos de trabalho na base foi relativamente limitada na maior parte dos países

devido à intensa e generalizada eliminação dos empregos mal pagos na agricultura e na indústria transformadora. Foram poucos os postos de trabalho bem remunerados criados na indústria transformadora na UE 15, enquanto nos novos Estados-Membros da Europa Central se assistiu a uma criação bastante intensa de postos de trabalho medianamente remunerados neste sector.

Os empregos mal remunerados tornaram-se mais “atípicos” na UE 15 desde 1995. Em muitos países, a maior parte dos empregos mal remunerados criados eram a tempo parcial ou a termo certo, enquanto o número de postos de trabalho permanentes a tempo inteiro no segmento mal remunerado foi reduzido ou, pelo menos, manteve-se estável (enquanto a maior parte dos postos de trabalho bem remunerados criados eram a tempo inteiro e permanentes).

No período abrangido por este estudo registou-se uma clara melhoria da situação de emprego das mulheres na UE 15, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Ainda que os postos de trabalho criados para mulheres tenham tendido a situar-se mais próximo da base da estrutura do que os dos homens, a sua situação sofreu uma melhoria tão nítida que não se afigura excessivo afirmar que as mulheres foram as principais beneficiárias do crescimento do emprego registado na UE 15 no período subsequente a 1995. No que respeita aos trabalhadores migrantes oriundos do exterior da UE, nos países em que a sua percentagem na força de trabalho aumentou (principalmente na periferia da UE), estes tenderam a ocupar os empregos mais mal remunerados. Assim, a maior parte dos postos de trabalho líquidos criados nos dois quintis inferiores em Espanha, Chipre, Irlanda e Grécia foi ocupada por cidadãos não comunitários.

Implicações políticas

A panorâmica geral apresentada no presente estudo é, sem dúvida, muito positiva e, em termos gerais, compatível com os objectivos da Agenda de Lisboa: mais e melhores empregos, mais oportunidades para as mulheres e mudança para uma economia do conhecimento. Mas estes padrões podem criar sérias dificuldades a alguns tipos de trabalhadores que são ainda muito numerosos nos mercados de trabalho europeus, especialmente aos trabalhadores pouco qualificados ou aos trabalhadores de sectores industriais em declínio. A estagnação do crescimento do emprego no que respeita a postos de trabalho mal remunerados significa menos oportunidades de emprego para estes trabalhadores, e a ausência de novos postos de trabalho nas categorias intermédias não facilita exactamente a mobilidade na estrutura de emprego. Acresce que o emprego nos quintis inferiores se está a tornar mais instável e precário. As tendências identificadas no presente estudo devem igualmente chamar a atenção para a necessidade de adoptar políticas de apoio aos trabalhadores em risco de serem ultrapassados pelo progresso económico.

Informações complementares

A versão integral do relatório *More and better jobs? Patterns of employment expansion in Europe (1995-2006)* [Mais e melhores empregos? Padrões de crescimento do emprego na Europa (1995-2006)] encontra-se disponível em <http://www.eurofound.europa.eu/publications/htmlfiles/ef0850.htm>

John Hurley, Responsável de Investigação
joh@eurofound.europa.eu